

JORNAL DOS DOMINGOS.

DOMINGO 10 DE SETEMBRO DE 1848.

Na lida da humana vida
Deve por-se de permeio,
P'ra suavisar o trabalho,
Adistracção e o recreio.

A GRINALDA Subscreve-se nas lojas de papel dos Srs. Cardozo & Comp., rua do Ouvidor n.º 91; Passos na mesma rua n.º 152; Teixeira & comp.ª rua dos Ourives n.º 21, a 2000 rs. por 12 numeros, avulso 200 rs.

~~1002-210-200~~**AS TRES FLORES****(Canto Virginico-instructivo.)**

DE

JOSÉ ANTONIO DO VALLE.

As flores, que nascem na alma de
uma virgem, tem o aroma da candida
virtude, e recendem a sabiduria moral
indifinida do seio de Deos, que nos não
é dado entender.

Tão pura como os anjos, a virgem
lê a historia da humanidade, e conhece
a sua relação com o Creador.
Feliz é ella unicamente na terra.

SEGUNDA PARTE.

QUE NASCEM NA ALMA....

Era o dia seguinte tão claro e a sua luz tão fluida, que
dir-se-hia que a natureza vestida de galas se preparava, como
uma virgem, para uma festa solemne e nupcial. Os galhos
verdes do mattó, gottejando perolas do sereno da noite, tre-
mulavam, como as madeixas louras de uma noiva ao sopro
fagueiro do primeiro vento que a festeja ao subir de uma

coxilha, d'onde ella avista a casa do seu unico Lem, e que ella desejara tambem habitar, e pela qual trocaria o mais rico e soberbo palacio dos reis. A escassa e sombria luz do *Capão do Ipe* symbolisava aquelles espaços cobertos por abobadas e cercados por parêdes ennegrecidas pela mão do tempo, que um viajôr, passando ao longe, na Idade Media, chamava—*templo, ou mosteiro solitario*—onde o barbaro entrava impiedoso, e deixando ao lado o alfange tinto no sangue dos Christãos dormia sem temor e sem que alguem lhe viesse perturbar o somno, a não ser a aguia do norte esvoaçando na solidão e attrahida pelo immundo fetido do campo dos combates. E Rosinha passeando ali, muda e sem alevantar os olhos, figurava uma jovem e virtuosa freira, divagando sob as copadas do jardim do seu convento, donde ella tinha sido expulsa pelo estridôr das armas dos infieis, tão triste e tão repassada da saudade, que affrontava os perigos para ver os seus sacros lugares, e dizer baixinho, murmurando, as orações da sua Ordem e as regras da sua abbadessa.

Rosinha passeava no *Capão do Ipe*, e estudava a sua lição.

Bernardo veio ate ali, procurando por sua filha.

—Tu pensavas? Rosinha!

—Sim, meu pae-sinho; não pude dormir esta noite; tantas cousas me vieram a cabeça!... tantas cousas que eu desejara saber!

—O que foi? eu eide esclarecêr-te.

—Não comprehendí, por mais tratos que desse á minha cabeça, qual era a forma da nossa alma, e nem pude encontrar uma coisa que me illuminasse á respeito disto.

—A nossa alma não tem forma, côr, pezo, solidez, nem propriedade alguma da materia; é como ja te disse, immaterial e de natureza simples.

—Conhecemos nós então a sua natureza intima?

—Nós não conhecemos a natureza intima, isto é, a essencia de cousa alguma. Sabemos que ellas existem somente pelos phenomenos ou propriedades que apresentam. A alma tem as suas, que são, a sensibilidade, a intelligencia e a liberdade.

—Falle-me, meu pae-sinho, da segunda; tinha vontade de entender o que isto é.

—E tu sabes o que é entender?

—E' conhecer as cousas.

—Pois bem; ahí está a intelligencia: é o acto de conhecer. Ella porem não é primitiva, mas sim complexa, porque depende de muitos outros actos.

—E quaes são elles?

—A attenção, e a percepção, mediante os quaes nós temos ideias; o juizo e o raciocinio, que nos mostram as relações que existem entre as ideias; a memoria e a associação de ideias que nos fazem conservar as que temos adquirido; a abstracção que nos serve á analyse ou inquirição da natureza das ideias; e em fim a generalisação, que nos faz comprehender debaixo de uma só noção um grande numero de seres.

—E o que é ideia?

—E' todo e qualquer conhecimento que adquirimos.

—Oh como tantas duvidas se-me foram! Estou bem satisfeita! E a liberdade? meu pae-sinho!

—Quem te trouxe esta manhã tão cedo para passear aqui no matto?

—Meu pae-sinho, foi uma vontade ardente, a que não pude resistir. Fiz então mal n'isto?...

—Não, Rosinha; pelo contrario, isso me convence, e te hade convencer tambem, de que tu tens liberdade, que podes quando quizeres vir aqui passear, ou deixares de vir quando te aprouver.

—Entendo, meu pae-sinho; não tinha reparado n'isso. Como sou tão tola, que ignorava que a vontade...

—A vontade é a manifestação da liberdade.

—Tenho agora tantas ideias!

—São as flores que mais deves estimar.

—Obrigada, meu querido pae-sinho; eide amal-as muito porque estas são as flores que nascem na alma.

(Continuará.)

O SINO.

(Continuação.)

III.

O Sino da torre tangia a musica da oração.

Era pacifica, sonora e regular; seus échos penetravão até á choupana mais longiqua da aldêa: era a hora da missa.

Como era respeitoso seu tanger, chamando os fieis para a missa; esta é a musica que guardamos em nosso coração para sempre, é aquella que nos accorda ao Domingo para irmos á igreja.

Longa procissão de todos os sexos e idades, marchava alegremente para a parte do templo, era a obrigação que o Parocho havia ensinado aos seus, e os seus santos concelhos não seguidos, porque elle era bom homem, fazia bem a todos, a todos aconselhava e animava, e representava modestamente quando algum faltava.

Bom e santo Parocho, tu es mais feliz que o rei da terra; todos te conhecem e te amão! a mãe traz-te seu filho para o abençoares, o lavrador vem pedir-te concelhos o humilde beijar-te a mão do altar.

E o sino turgia a musica da oração.

Marcha, marcha bella procissão de fieis, que o sino annuncia-vos que é a hora da missa do Domingo, ide ao templo receber nova unção, novo balsamo para a vossa alma de peccadoras, resa lá por tudo que tendes de caro sobre a terra, e quando confessardes vossas culpas ao Senhor, não omittaes nenhuma, porque Elle todo é pura bondade e amor.

Neste momento de magica poesia, eu sentia um prazer intimo espalhar-se docemente em minha alma, todos estavam satisfeitos, todos fugião do pé do lar para ir ouvir missa.

O toque do sino é já tão familiar para aquelles que o ouvem, estão tão costumados a desempenhar seus pedidos, que cegamente obedecem a seu chamado: elles o ouvirão quando nascerão, brincarão depois com elle, e o ouvem agora tambem e para sempre sobre a terra.

Encostado ao cipreste do cimiterio, eu attenia todos os movimentos dessa multidão, e parecia-me então que tudo quanto há sobre a terra é inferior a este acto de verdadeira religião e de uma moral robusta.

Os echos alegres do sino perdião na encosta-se do monte, lá muito alem pela searas do undivago trigo, e subião mansamente ao ceo, subião, té perderem-se nas nuvens, e serem ouvidos pelos anjos.

O sol da manhã allumiava esta scena campestre; vós sabeis que o sol do Domingo é mais puro, mais brilhante.

Que painel delicioso, que doçura de cores e de scenas! Parece que a natureza toda se alegra nesta hora de respeitosa sublimidade.

E a bella procissão dos fiéis caminhava alegremente para a igreja, todos os semblantes estavam animados; o ancião, a velha, o rapaz, a rapariga, o menino e a menina tudo parecia sorrir-se.

E o sino tangia a musica da oração.

III.

Festival, alegre e ligeiro, o sino agora repica! que temos? Sua musica cadente e harmoniosa infunde prazer no coração, traz riso aos labios, doçura a alma.

A bondade deste bronze do alto da torre espalha doce harmonia sobre a natureza que o cerca, e os passarinhos pousados sobre a cruz da capella modesta, pulão, cantão de alegres; voão e tornão ligeiros a voltar, brincão em torno da torre.

A natureza parece tambem saudar este acto de immenso prazer, o eco tão azul, nem uma nuvem sequer se desliza sobre elle, a brisa agita brandamente a ramagem do arvoredor, tudo é prazer, é dilicia.

E ainda eu sentado sobre a pedra á porta da choupana contemplava a festividade da aldeia.

Festival, alegre e ligeiro agora o sino repica! que temos?

E' o menino recém-nascido que vai a pia.

E' o dia do baptismo da aldeia, não é pomposo como nas cidades; mas é grandioso pela sua simplicidade.

O innocentinho vai a igreja, vai receber o baptismo, banhar-se na agua do Jordão, receber o nome de christão.

A mãe, boa mulher, o traz nos braços, balança-o nêga-mente, e esta criancinha surriu-se para ella com a candura do anjo: como é lindo assim envolvido em roupas de linho bem lavado, as mãosinhas delicadas debatem-se inquietamente, os pesinhos alvos movem-se com soffreguidão; elle é todo prazer; o repique do sino forma já o seo brinco mais precioso. E' a primeira vez que vai a igreja, receber as primeiras impressões da musica divina.

Nesse dia todos apinhados em torno do baptisado festejam o sacramento mais pomposo do Christianismo.

Misturado com os canticos da igreja o sino forma um acompanhamento magnifico, de elevada harmonia.

Esta musica é celeste, é igual a musica da natureza nas manhãs da primavera, quando os passaros cantão a che-

gada da estação nova, estação despertada do somno do inverno.

Guardai estes sons na mente, recordai-vos delles quando na auzença da pátria chorardes a falta dos objectos queridos que lá deixastos, e que vossas saudades amenas, escondidas no intimo de vosso coração, se renovem de dia em dia e sereis felizes mesmo auzentes.

Porque quando tudo que nos cerca é estranho, quanto é doce as lembranças da nossa terra! e quando juntamos estas lembranças a simplicidade dos costumes que trazemos do seio da familia, formamos um monumento sublime que é digno de ser invejado pelos mais felizes da terra.

Accordai-vos do somno dormido em terra estranha e que os sons do sino, mas quando esses são alegres e festivos, venhão ferir vossos ouvidos.

Lembraí-vos que quando vos baptisarão, o sino tocava alegre, porque era mais um filho de Deos que ganhava as recompensas da sancta lei de Jesus.

Festival, alegre e ligeiro o sino inda repicava.

(Continuará.)

O ALECRIM SECCO.

Triste raminho secco!

Era parda a sua côr; tinha trocado a verdura e gentileza pelo desbotado parecer.

Era pobre e mesquinho—como é pobre e mesquinho um ramo que secca partida da raiz.

Era uma dôr reduzida a folhas seccas!

Erão cinzas de magoados chorar—imagem dos seus saluos angustiosos—inscricção dos seus suspiros—muda dôr por uma alegria que morrera!

Tinha uma linguagem de melancholia, parecia querer lembrar-me a hora em que amortecera entre seus dedinhos.

Beijei-o, quando o recebi; fallei-lhe; interroguei-o.

E esse triste mensageiro, só me respondia—saudade!—

Saudade!—reprecutia em minha alma a sua voz, e triste e monotono ia seu echo final perder-se de encontro á minha esperança de em breve a ver.

E mais triste e monotono poisava-se o meu olhar sobre esse querido esqueleto de dôr.

Uma lagrima então nasceu em meus olhos—cresceu—arrasou-os—pendeu—tremou á borda de minhas palpebras—cabit—depositou-se em cima delle; pareceu com elle identificar-se, pareceu uma gota implorando perdão.

Assim era, eu pedia-lhe perdão, á ella tristesinha, aquem eu havia abandonado por dias.

Chorei com elle.

Apertei-o sobre meu coração; era um triste raminho secco. Quando parti, desceu ella ao jardim; colheu-o; ella gostava tanto do alecrim, porque ama a sua singeleza e a sua significação.

Nascia entre outras flores: entre os malmequeres, os amor-perfeitos, as heiotropas, os jasmims, e em outro cantinho perto delle levantava-se a sua roseira predilecta—era a rainha á cabeceira de seus pequenos vassallos, movida pelo mesmo ar zinho que estende o seu manto véo por cima das outras flores.

Então elle era verde, era formoso com a sua formosura e dizia, confiado—firmeza—

Era um lindo relicario de amor pendido do seio da innocência—era a nação-sinha do meu pensamento collocado perto do seu coração.

Guardou-o; passarão-se dias e seccou—morreu—desbotou.

Assim desbotarão suas faces quando seu peito pela primeira vez se levantou para dar nascimento a um—ai—que afadigado soltou-se de seus labios tremulos.

Assim tambem se desbotou o meu prazer, quando parti e não lhe disse o acostumado adens.

Agora tornou-se de firmeza em saudade—tinha sido verde quando estava no jardim.

Ella tomou-o entre seus dedinhos; teve pena delle—entristeceu.

Sósinha com a sua prenda pensou em mim mil vezes.

«Vai, » disse ella «vai ter com elle, diz-lhe que foste verde e que empallideceste em meu poder: conta-lhe minhas lagrimas e meus ais, diz-lhe quanto soffri »

E esse pequeno mensageiro veio ter commigo, ella m'o deu. Eu pos-o esse raminho de alecrim que foi verde.

E' um triste raminho secco, sem cor, sem vida.

E ella é uma innocente creaturinha, igual ao mais lindo botão de roza, algumas vezes aljofarada pelas lagrimas da saudade.

Ornou seu seio este raminho; e ouviu o bater da seu coração; escondeu em seu vestido branco de virgem—e languiu-o entre seus dedos.

Oh! que eu amo este alecrim, mesmo secco, mesmo sem cor.

Eu amo este testemunho de seu amor porque me diz que ella é firme.

Eu amo este raminho agora secco porque me diz sandade. Sandade, será pois meu galhinho de alecrim quando depois de firme, entre umas delicadas mãos perder a sua verdura.

L. C. A. Junior.

O MANACÁ

Coitadinha, mimosa flor!

Multi-corada ella tão modesta vive no brejo, sem que alguém a veja.

Occulta-se como si não fosse formosa, e tão cheia de vivas cores como a rosa, e tão fragante como o jasmim.

Ninguém falla d'ella. Escondidiuha como a violeta, é melhor ainda que esta florinha. E a sua sorte é tão mesquinha!

Coitada, mimosa flor!

Como o arco-iris, que representa o pacto entre o Senhor do ceo e os homens da terra, ella brilha as suas cores á um raio solar perdido, que vai á furto beijal-a por entre as espinhosas folhas do gratatá, e ainda assim esse brilhar é tão dubioso, tão modesto, como um apparecer de um seio de virgem ao albôr descorado de uma odorifera matina.

Flor modesta! flor candida, da-me a tua placidez e teu invejado existir; flor rubra: da-me o teu fogo que não arde para acendôr a minha alma na poesia; flor roxa da-me essa tua saudade do ceo para eu senti-la pela minha amada, e tambem por Deus.

E eu te cantarei, coitada, mimosa flor!

E heide fazer-te a rainha das flores, porque outra não ha como tu.

CARTA A' —GRINALDA—.

Minha querida amiga.

Tenho-me distraído tanto, e tanto, que me esqueci de Vm. Foi esta uma falta de que me não atrevo a perdoar-me; mas Vm. me julgará com benignidade, se, como me disse, sua mãe a criou entre flores com um coração de moça. Um coração de moça! nós só sabemos o que isto é! Os homens ignorão tudo!... Os homens! eu não queria fallar n'elles, mas como me lembro agora de que Vm. os ama, quero advertir-lhe uma couza, que se passou em seu próprio seio. Eu lhe tinha mandado as minhas floresinhas, e mandei-as porque gostava d'ellas, e porque Vm. se não desdenhava de as receber: era isto tão natural! Depois fallei das suas flores, como nós costumámos fallar dos nossos moldes de corpinhos, dos figurinos, dos nossos penteados, e em summa de tudo quanto é nosso, privativamente nosso; mas o que aconteceu? Um homem, que tinha na mão a lyra da poesia, transformou-a em arco de caça, e disparou contra o meu indefezco e fragil peito uma pelota de chumbo, dura como o seu coração—um epigramma—. Fez-me tanto mal aquelle tiro! Senti uma dôr tão viva no lugar em que o tinha recebido! Lancei algumas gottas de sangue! Hoje porém me acho melhor. O campo fez-me tanto bem apenas mudei de ares!

Veja bem o que me responde, minha chara amiga! Agora que estou disposta colherei algumas das minhas galas do campo para lhas mandar.

Rocha 5 de Setembro de 1848.

MARUCAS DA RESTINGA.

RESPOSTA.

Minha Toduzinha.

Veio parar ás minhas mãos uma carta sua, e, abrindo-a, eu sentia um prazer inaudito por ter a felicidade de receber notícias suas; porém ao lê-la qual não foi a minha angustia por saber que tem soffrido!... Oh! as gottas de

Angue ainda hoje me fazem arrepiar os cabellos... a mim tão que nem tenho animo de ler as imagens pavorosas de Victor Hugo, e do Visconde d'Arincourt, ter necessidade de ler a narração pathetica aonde, do coração mais leal de todos os corações cahião gottas de sangue!.. do coração da minha melhor amiga, a quem amo tanto como a luz da vida! Minha Todazinha deve concluir de tudo isto qual terá sido o meu dissabor pelos incômodos que affectarão seu peito, e na alucinação de meu desprazer quasi quiz detestar o auctor de seus males; porem quando mais calma reflecti sobre o caso, quando melhor encarei a cauza, desarmeí minha ira e dispensei para com elle alguns raios de justiça. A pessoa de quem se trata, minha boa amiga, sabe bem avaliar e comprehender um coração de moça e dar-lhe o devido apreço. Ella tem uma lyra mesquinha, que diz não a ter sido confiada por Apollo; mas simplesmente pelo acaso, pois bem, affianço-vos que jamais elle ha lançado mão della para manchar um coração casto de virgem; affianço-vos en, que sou incapaz de mentir, que jamais elle tem procurado illudir a inesperienza: de joven alguma ja vê a minha amiga que elle não merecia o epitheto que lhe prodigalison, fundada não sei em que rasões. Elle tem, bem como nós outras mulheres, a sensibilidade um pouco apurada e tendo-se-lhe dispensado um titulo que elle não tem trabalhado por merecel-o, não fez mais que mostrar o seu ressentimento. Queira a minha boa amiga desculpar-lhe; como elle tem um coração incapaz de offender a ninguem, não gosta tambem de ser aggreddido injustamente.

Continue a honrar-me com a sua confiança; seus escriptos são estimados não só desse inteliz que teve a desdita de cahir no seu desagrado; como de todos os que observarão as flores com que teço a minha—Grinalda—.

A mim me disse elle; não ousou responder directamente a D. Marcella... receio que querendo justificar-me vá, mau grado meu, irritar mais a sua colera e talvez que retirando a sua confiança liquemos privados de sermos mimoseados com os seus trabalhos. Conheço a differença de nossos sexos; porem tendo a necessidade de defender-me, jamais posso esquecer a justiça de minha causa.

Pense minha boa amiga, e seja generosa para com elle.

A Grinalda.

UM SONHO.

E cri sonhando que feliz gosava
Do mundo o bem supermo? !
Ai de mim! nem sonhando os gosos durão!

1

Pensei um dia
Que entrelaçado
Tinha nos braços
Meu bem amado;
Mas foi chimera
Essa doçura
Não dá-me a sorte
Tanta ventura.

2

Sens castos lábios
Aos meus unidos,
De amor ardente
Só revestidos,
Mil votos firmes
Então fazião
Ennebriados
A sós dizião:

5

Inseparáveis
Quaes avesinha,
—Eu serei teu—
—Tu serás minha—
Ambos ligados
Um só seremos;
Nunca taes votos
Nós quebraremos.

4

Sea lindo collo
Forte pulsava,
Como relógio
Que as horas dava;
Alto batia
Meu coração,
Dando de amores
Demonstração.

5

As lindas faces
Prestes corârao,
De pranto as lagas
Se deslisarao;
Mas éra um pranto
Todo prazer,
Um pranto doce
Que faz viver.

6

Bemdicta seja
Quem sente o ardor
Do puro affecto
D'um fido amor;
Bemdicta seja
Quem nos meus braços
Dá-me delicias
De amor nos laços.

7

Contra seu peito
Meu peito arqueija,
Dou-lhe suspiros,
Ella me beija;
D'esta ventura
Vendo o sorriso,
Eu ja me cria
No Paraizo.

8

N'isto desperto,
Triste coitado,
Na fúcidade
Tinha sonhado.....
E cri dormindo
Tanta doçura?
Ah! para o pobre
Não ha ventura. *B. J. B.*

MOTE.

Só eu, só tu, mais ninguém.

CLOZA.

Des do primeiro existente,
Té o ultimo que houver,
Nunca em nenhuma se hade ver,
Com o' car' nos amor vehemente;
Não ha de haver quem sustente
O amor que nos mantem:
Eu sou firme, e tu tambem
E's fiel e és constante;
Em fim, meu bent, para amante
Só eu, só tu, mais ninguém.

OUTRA.

Veja o mundo, minha Osmia,
Em nós o exemplo de amar,
Com nosco lições tomar
Venha os que amor domina:
Tu a ser constante ensina
Ao teu sexo, que eu tambem
Ensinarei que convem
Ao meu sexo a lealdade;
P'ra mestres desta amizade
Só eu, só tu, mais ninguém.

OUTRA.

Aprendão nossa ternura,
Nossa ternura sem par,
Forcem por possibitar
A minha e tua doçura:
Vejam em nossa fé pura,
O que hão veem em alguem;
Conheção, meu te no bem,
Té onde chega o amor;
Leva-lo ao grão sup'rior
Só eu, só tu, mais ninguém.

OUTRA.

Poderão haver amantes
 Que nos queirão imitar,
 Porém não hão-de chegar
 A pontos tão relevantes:
 As nossas almas constantes
 São as que mais amortecem;
 Quem as ignale, meu bem
 Entre ninguém o achamos;
 Para amar, qual nós amamos
 Só eu, só tu, mais ninguém.

J. L. F.

NOTE.

Se os humanos são culpados,
 Os Deoses também são reos.

GLOZA.

Se metamorphoscados
 Por amar Deozes se virão,
 A elles a culpa infirão,
 Se os humanos são culpados;
 Se com sermos namorados
 Nós offendemos os Cgos,
 Se levamos taes labeos
 Seus exemplos imitamos;
 Se criminosos amamos,
 Os Deozes também são reos.

J. L. F.

Achou-se em um rio que corre na Escóssia um anzol de ouro. Este singular achado dá lugar a muitas conjecturas. Os moralistas dos arredores dizem que o pescador, que se servia de um anzol feito do mais precioso dos metaes intentava aparentemente apanhar os peixes, como se apanhão os homens.

Um Philosopho antigo disse, que de quatro mães mui formosas nascião quatro filhos mui feios. A verdade gera o odio, a prosperidade a soberba, a familiaridade o desprezo, e a segurança o perigo.

ANECDOTAS

Um soldado teve a temeridade de pedir a sua baixa a Henrique IV. n'estes termos:—Sr., tres palavras, *dinheiro ou baixa*. Teve immediatamente em resposta:—Soldado, quatro, *nem um, nem outra*.

Um *quidam* que se presava
De ser muito valeroso
Teve uma rixa com outro
Que o reptou furioso.

O *quidam*, apenas vio-se
Mettido em lenções tão mãos,
Poz-se a fugir quanto pôde
A dar por pedras e páos.

Alguns amigos o vendo
A correr qual um sandedo
« Que é do valor? » llic disserão;
« 'Stá nas pernas » respondeu.

D. * *

CHARADAS.

1

Oh! Céos! que zanguinha!
Pareço maldito...
De seis precedido
Sou eu quem mais grito!...—1.*

Eu sou das Igrejas
A mais respeitada—2.^a
Fui rei muito illustre
Da Persia allamada—1.^a e 3.^a

Fui homem illustre
De genio fecundo
No Lacio oradôr
O maior, mais fecundo !.

Tambem este nome
Na imprensa é uzado;
Lá certo character
Assim é chaizado.

2

Nunca fui, nem sou maligna—2
Quem me tem é bem ditoso—3

Sou dita, sou f'licidade,
E d'homem nome formoso.

3

O cajú sem mim não passa,
Passa a castanha, a seimete—1
Mais que todos mando a terra,
Mais que todos sou potente—2

Fizemos um mal mui grande,
Mas com maior nos pagarão;
Ficamos todos sem patria,
E todos nos desprezarão !.

Inda hoje a nossa patria
E' todo o mundo—é incerta;
Mas já melhor tratamento
No mundo se nos offerta.

4

Tem-me a cazaca
O chapeo a tem;
Porem na meza
Todos a veem—2

Por ser mui macia
Aspereza não tem;
Poetico nome
Do meu doce bem—2

Se de mim não tendo...
Ella não me amára
Eu cheio d'angustias
A vida deixára—1

Camões escriptor o foi
Como tal, nome ganhou;
Mas apezar dos pesares
Pedindo esmola acabou!..

5

Eu a amei, ella traiu-me
A fê que jurado havia;
Diga mesmo essa infiel
Que nome lhe pertencia?..—2

Quasi nunca em linha recta
Com caminho direito;
Isso, a que esses poetas
Denominão viúro leito—2

Do todo d'esta charada
Quero-te uma lúea dar:
Sabe que lo maior falso
Não põem duvida em jurar.

Explicação do Logogrifho do n.º 6—Felicidade—.

Explicação das Charadas do n.º 6—1.º Coração - 2.º Corcovado—3.º Armario—4.º Retiro.

RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA DE M. J. CARDOZO & C.
Rua do Ouvidor n.º 91